

A NOÇÃO DE SUJEITO:

PONTOS DE APROXIMAÇÃO E PONTOS DE DISTANCIAMENTO

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorensset

RESUMO

Apresenta-se aqui a produção de resenha temática que se propõe a discutir a noção de sujeito - pontos de aproximação e pontos de distanciamento - sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso de vertente francesa. Os textos que concedem suporte teórico à esta produção evidenciam o encontro necessário de historiadores, linguistas e psicanalistas pois, conforme Pêcheaux (2009), faz-se necessário tocar o triplo real da língua, da história, do inconsciente. Nesse sentido, com Orlandi (2001) compreende-se que a noção de sujeito está imbricada com a linguagem e com a história, em seu movimento, em suas rupturas e em seus deslocamentos.

AGUSTINI, C. Dobras interdiscursivas e efeitos imaginários: a ilusão de subjetividade. In: Línguas e instrumentos linguísticos. Campinas: Pontes, Jan-jun, nº 3, 1999, p. 47-75.

BIRMAN, J. O sujeito desejante na contemporaneidade. In: FERREIRA, M.C.; INDURSKY, F. (Orgs.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 21-36.

ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: FERREIRA, M.C.; INDURSKY, F. (Orgs.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-20.

ORLANDI, E. P. Do sujeito na história e no simbólico. In: _____. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001. p. 99-108.

A proposta desta resenha temática é discutir a noção de sujeito - pontos de aproximação e pontos de diferença - a partir do estudo de quatro textos, referenciados acima: Dobras interdiscursivas e efeitos imaginários: a ilusão de subjetividade (A); O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo (B1); Do sujeito na história e no simbólico (B2); O sujeito desejante contemporâneo na modernidade (C). O intuito é de dialogar entre os textos - apontados doravante respectivamente como A, B1, B2, C - , sem homogeneizar, suscitando distinções e semelhanças no pensar de cada autor.

Eni Orlandi, autora de O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo e Do sujeito na história e no simbólico é professora da Unicamp desde 1979, dedica-se à análise do discurso, disciplina que introduziu no Brasil, é pesquisadora do Labeurb desde 1993; sua principal área de interesse é a relação sujeito/sentido/história/sociedade. Possui inúmeras publicações em revistas nacionais e internacionais, bem como muitos livros. Entre outros, citamos Discurso e texto, Análise do discurso: princípios e procedimentos, As formas do Silêncio, que ganhou o Prêmio Jabuti, foi traduzido para o francês, coreografado e apresentado no Teatro da Bastilha, em Paris. Joel Birman, autor de O sujeito desejante na contemporaneidade, é psicanalista, professor de psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, faz parte do Conselho Editorial como Editor Responsável da Revista EPOS, Genealogia, Subjetivações e Violência. Colabora com várias publicações especializadas, no Brasil e no exterior, e é autor de vários livros. Atua principalmente nos temas: psicanálise, história e filosofia das ciências e da saúde, feminilidade e sujeito. Carmen Lúcia Hernandez Augustini, autora de Dobras interdiscursivas e efeitos imaginários: a ilusão de subjetividade, é professora da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisa na área de Linguística, em

enunciação, semântica e história das idéias linguísticas, também participa do projeto de pesquisa intitulado Linguagem e constituição do sujeito, com pesquisa sobre a teoria da enunciação benvenistiana e a escrita.

Para o desenvolvimento desta resenha, faz-se mister delinear-se o que se entende por sujeito: consoante Stübe Neto (2008, p. 38), “há discussões acerca de conceitos como pessoa, eu, identidade, subjetividade e sujeito [...] estando longe de um possível consenso sobre o que é sujeito, quais características o definem e o diferenciam.” Desanimador? Dir-se-ia que não. Aponta Orlandi (2007) que o sujeito é ao mesmo tempo livre - pode tudo dizer - e submisso - tem de se submeter à língua, à historicidade, à subordinação do homem às leis: é o assujeitamento. O sujeito não é fonte única, mas constitutiva do processo de produção dos sentidos.

Os textos da Orlandi se entrelaçam e a própria autora faz menção no B1 ao próprio texto B2, que é uma síntese de como ela vê a questão do sujeito na análise do discurso - e referencia Pêcheux: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Augustini também reflete acerca da interpelação ideológica em A, p.52. Orlandi acrescenta que ao se inscrever na língua - simbólico - o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Exceto o de Birman que explicitamente não aborda, os textos fazem referência ao sujeito se submeter à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se (B1 p.2; B2 p.103). Orlandi cita P. Henry (1994): a história é história porque os fatos reclamam sentidos. Augustini (A p.47) já no resumo aborda [...] “garante ao dizer a consistência necessária para que o sujeito signifique e produza sentidos”. A autora comenta que “a dobra interdiscursiva emerge como um mecanismo de controle dos sentidos”. A terminologia dobra interdiscursiva somente é mencionada no texto da Augustini (A p. 48-49), ponto de diferença em relação aos outros autores, contudo, ela o faz com o propósito de corroborar a subjetivação: “intervenção do sujeito falante em seu próprio dizer, a fim de esclarecer, explicar e/ou expor uma opinião. [...] são inscrições parafrásticas denegativas do próprio efeito do interdiscurso que irrompe no intradiscurso, (re)significando-o.” A paráfrase é uma

ressonância vertical – ao discurso que se repete em sua horizontalidade, por meio de diferentes realizações linguísticas. (A p.74). “Denegar é dizer negando e/ou negar dizendo[...] a denegação descortina a presença de dizeres-e-sentidos-outros que se constroem na formulação do dizer sem contudo apagá-los” (A p. 50). Augustini salienta que as dobras interdiscursivas colaboram para o estabelecimento das ilusões de subjetividade e apresenta recortes de textos, com exemplos elucidadores.

No tocante à ilusão, há aproximação dos três autores, nos quatro textos: Augustini (A p.49) aponta que são os fragmentos interdiscursivos tecidos pela interpelação em fio do discurso que emprestam ao dizer a ilusão da unidade. Ainda, (A p. 53), “o dizer sustém a ilusão de subjetividade. [...] Essa ilusão é um processo constitutivo do discurso [...] constituem um ponto nodal do dizer, uma vez que colaboram para o estabelecimento da ilusão da subjetividade e, em decorrência, da ilusão de unidade do discurso”. Também em (A p. 54): “As dobras interdiscursivas administram/silenciam o efeito do interdiscurso que perpassa o discurso, denotando a ilusão subjetiva de que o sujeito controla estratégica e intencionalmente o seu dizer.”

Birman tece uma narrativa envolvente, ao efetuar a leitura do filme “De olhos bem fechados”, do cineasta Stanley Kubrick: propõe-nos infindáveis reflexões ao mesmo tempo em que vai pontuando e resgatando conceitos da Análise do Discurso. O autor faz emergir a ilusão (C p. 2) ao citar que o marido da personagem, apenas ao imaginar-se traído pelo sonho erótico da esposa com outro homem, “age mais como um boneco de cordas no qual foi disparado o seu maquinismo, do que como um homem de carne e osso. [...] acaba por alugar uma fantasia para ir a festa”. Não a tinha incorporada: fantasia emprestada não potencializa a ilusão da fantasia habitada, própria.

Orlandi pondera significativamente acerca da ilusão. Em (B2 p.104) salienta: “quanto mais centrado o sujeito, mais cegamente ele está preso a sua ilusão de autonomia ideologicamente constituída.” Em (B1, p. 3) esclarece: “[...] a subjetividade leva ao equívoco da impressão idealista da

origem em si mesmo do sujeito. Sujeito ao mesmo tempo livre e responsável, determinante e determinado. Essa ilusão se assenta no desconhecimento de um duplo movimento na compreensão da constituição do sujeito.” Orlandi também ressalta que quando se tem o sujeito em relação com o Estado, sujeito jurídico – sujeito de direitos e deveres – sujeito individualizado, o que fica de fora é o simbólico, o histórico e a ideologia – que tornam possível a interpelação do indivíduo em sujeito – e constitui-se a ilusão de o sujeito individualizado ser a origem, com/por sua vontade. Em B2, p.101, Orlandi comenta a ilusão da literalidade, apontada por Pêcheux, em que a língua não é neutra e o sujeito não é o centro ou causa de si.

Percebe-se nos quatro textos abordagens acerca da resistência, todavia, é no texto B1, da Orlandi, que mais notadamente é apontada. Ao se falar em resistência, há que se falar também em assujeitamento e os três autores o explicitam: Orlandi (B2 p.100) sustenta que “a subjetivação é uma questão de qualidade, de natureza: não se é mais ou menos sujeito, não se é pouco ou muito subjetivado. Não se quantifica o assujeitamento.[...] se é sujeito pelo assujeitamento à língua, à história”. Nesse norte, Orlandi orienta que o dizer é afetado pelo simbólico – inscrever-se na linguagem - , pelo sistema significante. Birman (C p. 13) salienta que pensamento e linguagem são cruciais para os processos de simbolização. “Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento”, complementa que não há como subjetivar-se sem se submeter à língua. Quando se assevera que o sujeito, para se constituir, deve-se submeter à língua – ao simbólico – aparece a possibilidade da falha, pois a língua é capaz de falha. Já o equívoco é fato de discurso, ou seja, (B2 p.102) “é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz equívoco.[...] O equívoco é a falha da língua, na história.”

Retomando resistência, ela ocorre porque o sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se (B2 p.103). Assim, os textos falam desta resistência do sujeito, na ânsia de ressignificar-se: Orlandi, em B1, aponta a sociedade de segregação, do consumo de produtos culturais na

ânsia de ser considerado, de pertencimento e analisa o sujeito da pichação como exemplo do sujeito contemporâneo. A urbe edificou o muro, segregou o público do privado e, nesse entremeio, está o pichador, estampando o que sentem em relação ao convívio urbano. Há resistência no sujeito pichador, ele irrompe no social com seu gesto que o tira do silêncio: a sociedade, ao organizar, silencia. Ainda Orlandi, em B2 p.107, aponta o caráter irrecorrível do assujeitamento e o possível deslocamento (resistência?) do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza. Não são processos estanques, separados: são distintos, mas dependentes. Orlandi cita Lagazzi (1998), a resistência não se reduz à ideia de oposição [...] vai bem além da ideia de confronto. Birman, não explicita o termo resistência, contudo, está subentendido: (C p.8) em decorrência da fragilidade dos processos de simbolização, na atualidade, a conflitualidade tende ao silêncio. Entretanto, há um intervalo em que o sujeito busca a via da descarga, seja para o corpo seja para a ação, provoca um transbordamento do sujeito. Vê-se ponto de aproximação deste sujeito com o sujeito pichador. Nesta óptica, Birman (C p.14) afirma que ao sujeito contemporâneo resta apenas as possibilidades da descarga e da passagem ao ato, seja sobre o corpo seja sobre o mundo, para não ser tragado pela voragem intensiva.

Nesta perspectiva, Birman também apresenta (C p. 15) que o sofrimento é marcado pela alteridade, isto é, pelo qual o sujeito estabelece uma relação com o outro e delinea um horizonte de ordem intersubjetiva. Também os textos apresentam fantasia, desejo, imaginário discursivo (A p.73): O imaginário é um componente inalienável da produção significativa em uma sociedade. A formação imaginária se define a partir das perspectivas dos dizeres-e-sentidos e o efeito de transparência da linguagem resulta do esquecimento que se opera no sujeito-falante, esquecimento da determinação dos sentidos, do sujeito, pelo interdiscurso. Orlandi (B1p.12-13) argumenta: há no gesto da pichação um desejo, uma necessidade [...] um gesto que se vincula, que se engata na relação com o outro. Ao pichar, o

sujeito, que já está segregado, resiste ao não-sentido e busca a simbolização.

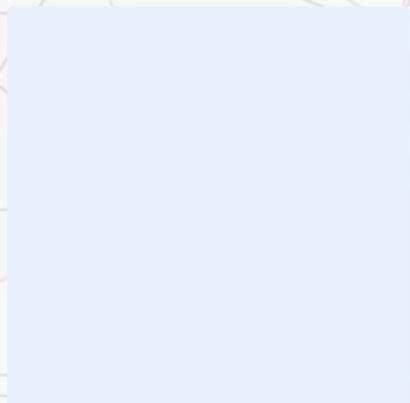
A própria Orlandi cita Birman acerca do sujeito desejante contemporâneo, falando da impossibilidade desse sujeito em relação com o real, por não conseguir produzir corte metafórico, ruptura significativa, sucumbindo à metonimização, à repetição do mesmo, não chegando a simbolizar. O texto de Birman é uma metáfora que descreve a pobreza do desejo e da fantasia no mundo pós-moderno, segregado. Todos os textos evidenciam o encontro necessário de historiadores, linguistas e psicanalistas – consoante Orlandi (B1 p.15) “em certo nível de generalidade, falamos da mesma coisa”. Conforme Pêcheaux, tocar o triplo real da língua, da história, do inconsciente. Orlandi conclui: daí pensarmos o sujeito, a linguagem, a história, em seu movimento, em suas rupturas e em seus deslocamentos.

REFERÊNCIAS

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

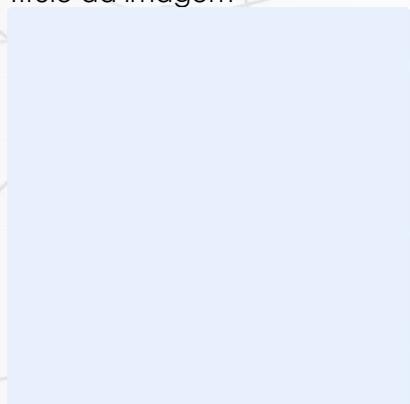
STÜBE, Angela Derlise. Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. 2008. 243f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade

Imagens relacionadas
Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem

Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem

Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem

Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem

Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem

Título da imagem



Fonte: Fonte da imagem